

ESCRITA HISTÓRICA E ESCRITA MIDIÁTICA: a produção de sentidos históricos e o acontecimento emblemático contemporâneo

Sônia Meneses
Doutoranda em história – UFF
Universidade Regional do Cariri - URCA

RESUMO: Esse artigo problematiza questões sobre a produção de conhecimento e acontecimentos históricos na contemporaneidade a partir das relações entre história e mídia, analisando como a mídia efetiva fundadores de sentidos históricos alterando regimes de historicidade em nosso tempo. Nesse caso interessa-nos também buscar compreender a construção do acontecimento midiático e suas relações com o acontecimento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: história, mídia, sentido.

ABSTRACT: The present article intends to analyze the construction of the emblematic event and its construction narrative between the media and history. When thinking on the emblematic events about the society contemporary three elements are basic: the action narrative, the spreading on them, and finally, the performance of the navigator/consumed ahead of this production.

KEY-WORDS: history, media, sens.

Introdução

Segundo a mitologia grega, foi dada a Proteu, filho de Tetis e Oceanus, a tarefa de proteger as grandes criaturas marinhas. Exercendo irremediavelmente sua função, recebeu como prêmio a possibilidade de ver o futuro e, conseqüentemente, interferir no presente e no passado a partir das informações que podia revelar. Dádiva e maldição, Proteu carregava consigo a difícil sina de vislumbrar aquilo que todos buscavam conhecer: o entrelaçamento complexo dos acontecimentos humanos no tempo; os sentidos da história. Pressionado por aqueles que o buscavam, Proteu se escondia sob mil formas fazendo com que, dificilmente,

alguém conseguisse tirar dele as respostas que buscava, a não ser, em raros momentos em que adormecia e podia finalmente ser capturado.

Nosso personagem é a metáfora da aflitiva busca humana por compreender os acontecimentos à sua volta e a tentativa de dominar o tempo; sobre nosso olhar sempre (tri) partido entre o passado, presente e futuro. Atormentado, Santo Agostinho já se perguntava em suas confissões: o que é o tempo, afinal? As tentativas dessa compreensão já cindiram a experiência humana e, conseqüentemente, o tempo em várias dimensões, em todas elas, contudo, um elemento pareceu se manifestar como capital: a necessidade humana de contar histórias e tecer explicações sobre suas ações.

Narrar, portanto, tornou-se a porta de entrada e saída para a elaboração de sentidos sobre o tempo, pois como nos advertiu Paul Ricoeur, o tempo, torna-se tempo humano, sobretudo, “na medida em que articulado de um modo narrativo” (1994: 85). Ao compreender o tempo dessa maneira, Ricoeur nos colocou ainda mais uma questão fundamental: toda narrativa se constitui em uma trílice mimese, um movimento de distensão contínuo que faz com que uma mesma narrativa, seja constantemente apropriada em temporalidades distintas em um círculo hermenêutico sempre renovado.

Em nossos dias, a essas inquietações, acrescentou-se outro elemento: o fato de nossas sensibilidades temporais terem se tornado irremediavelmente marcadas pela interferência dos meios de comunicação. Um tumultuoso caleidoscópio de informações que ajudou a modificar sobremaneira nossas compreensões sobre o tempo. Nesse sentido, a espetacularização de acontecimentos se manifesta em um trabalho que coloca o passado como horizonte de realização no presente, seja através de rastros, seja na elaboração narrativa dos eventos imediatos. O futuro agora é o lugar no qual o passado deve permanecer em rastros. Seu valor, portanto, se apresenta muito mais pela possibilidade que terá de guardá-lo do que por seu potencial de redenção inovadora.

Nesse sentido, essa busca aflitiva saturou o presente de uma quantidade cada vez maior registros que se avolumam em computadores, gavetas e estantes em uma proporção nunca imaginada. A utopia de um arquivo total, que seria possibilitado pelo desenvolvimento dos novos recursos tecnológicos.

Relacionados esse momento, os percursos assumidos pela idéia de história – na verdade devemos falar em “idéias de história” – adquiriram nuances bastante peculiares, ora oscilando entre uma postura na qual a “*Magistra Vitae*”¹ foi novamente evocada como a

¹ Uma boa reflexão sobre a mudança de paradigmas e regimes de historicidade na contemporaneidade se encontra em KOSELLECK. Reinhart. *O Futuro passado – contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de

velha aliada provedora de lições, instituição pedagógica; até o desencadear de debates acalorados entre aqueles que anunciavam uma ciência em crise, tendo a morte anunciada em canais de televisão e bancas de revista.

A difusão de acontecimentos tornados emblemáticos no século XX se efetivou em uma dupla face: primeiro; eventos como guerras, desastres ambientais, massacres, dentre outros, apresentaram-se como ocorrências midiáticas de “primeira grandeza”; uma divulgação espetacular que priorizou o apelo à sensibilidade e à comoção coletiva. Estas, por sua vez, acabaram por instaurar um elo de historicidade muito mais elástico entre povos e sociedades em várias partes do mundo, posto que, sua divulgação quase inesgotável, tornou vários grupos humanos partícipes e testemunhas de acontecimentos que de outra maneira somente se fariam conhecidos por aqueles que antes os vivenciassem diretamente.

Segundo, no momento de sua efetivação, tais eventos emergiram a partir de uma série de narrativas que passaram a delimitá-lo como marcos históricos representativos. Estes dois fatores ajudaram a torná-los multifacetários, problemáticos e objeto de intensas disputas e embates político-sociais, sobretudo, porque recaem sobre eles polêmicas em torno da constituição de identidades e reparações sociais.

Essa questão se aprofunda quando nos reportamos ao próprio significado do conceito de acontecimento histórico para a sociedade contemporânea. Se, em termos acadêmicos, essa definição passou a ser pensada como resultado de uma complexa elaboração de sentidos, como realizar a crítica historiográfica sobre eventos que passaram a ter um apelo social e ético tão fortes? O que dizer de eventos que parecem carregados por uma áurea da objetividade e que põem em cena a necessidade de memória, ritos de comemorações e lugares de catarses coletivas? Voltamos a um ponto essencial presente nos debates historiográficos dos séculos XIX e XX: o problema sobre a verdade histórica, a questão de saber se alguns acontecimentos colocam, ou não, limites à interpretação do historiador.

No século da sedução pelo acontecimento, objeto oferecido tal qual mercadoria em uma feira barulhenta, a idéia do acontecimento memorável se tornou presença quase indelével nos dias de hoje, numa ditadura ansiosa, nervosa e irreprimível pela novidade. Parte desse movimento pode ser explicada pela construção de uma idéia de opinião pública estruturada desde os séculos XVII e XVIII, quando para Habermas a “*esfera pública burguesa desenvolve-se no campo de tensões entre o estado e a sociedade*” (2003: 169).

Janeiro. Editora PUC-Rio, 2006; e HARTOG, François. *Regime de Historicidade*. Capturado da Internet em 8/05/2006, no endereço: <http://www.fflch.usp.br/dl/heros/excerpta/hartog.html>.

Nesses termos, o envolvimento de um número cada vez maior de pessoas nos eventos públicos impulsionou uma acelerada produção de panfletos, jornais e outros tipos de informativos, que trabalhavam para a construção de uma opinião pública cada vez mais presente como referencial para as produções midiáticas.

Em princípios do século XX, quando parte do mundo pode acompanhar pelo rádio as notícias da I guerra Mundial, a idéia de acontecimento começou a ser significativamente transformada. Contudo, é no século XXI, que a partilha de eventos e informações em larga escala tornou o mundo esquadrinhado por ilimitados ângulos de objetivas, celulares, câmeras de TVs, internet, rádio, jornais, revistas e satélites.

A idéia de privacidade, desta forma, foi diluída no espaço público sob o argumento de que, a sociedade tem que ser abastecida incessantemente pela informação posto que, a opinião pública precisa saber. A justificativa, muitas vezes falaciosa, da publicização total esconde a dissimulação de interesses, a manipulação da informação e o próprio papel de formulador e selecionador de eventos desempenhado pelos meios de comunicação.

Nesse amálgama de referenciais se evidenciam questões capitais para a compreensão dos sentidos históricos e, conseqüentemente, da escrita da história no século XX. Sobretudo, a partir dos anos 50, quando parece emergir um novo regime de historicidade (Hartog: 2006). Esta constatação inicial impõe o desafio de refletirmos sobre os elementos constitutivos da consciência histórica contemporânea, assim como, de uma provável estruturação de novas práticas de ritualização da memória e do esquecimento, como afirma Catroga (2001: 66), “talvez se esteja a assistir (...) ao aparecimento, ainda que pouco perceptível, de novos ritos e de novas formas de socialização da memória”. Portanto, ressalta-se a produção, experiencial e intelectual, na intercessão entre história e mídia investigando conceitos que transitam no instável espaço desses campos a exemplo de memória, acontecimento, fato, verdade e ficção.

Nesse sentido, entre as contradições de narrativas tão díspares, questiona-se como a história, disciplina e prática humana, é construída nos meios midiáticos e compreendida por eles, pois, se os *mass medias* se vêem como produtores de história, uma história de carácter pragmático e cotidiano, isso nos remete a uma pergunta capital feita pelo historiador Michael de Certeau: “o que fabrica o historiador quando faz História?”

Pergunta complexa e de difícil resposta. Para respondê-la, o autor nos demonstrou que toda obra historiográfica deve ser percebida a partir de um lugar de produção. A partir de um conjunto de conformações sociais, que vão desde a institucionalização do campo da história às corriqueiras inquietações e problemáticas questões com as quais o historiador se

depara em seu trabalho com os registros históricos. A produção historiográfica se estabelece nas “*relações entre as construções da história e seu face a face, a saber, um passado ao mesmo tempo abolido e preservado em seus rastros*” (Ricoeur: 1997; 175). Se a produção historiográfica deve ser percebida a partir de um jogo complexo de conjunções e conformações que modelam e submetem o texto, a produção midiática também.

O Fim da aura do acontecimento histórico

O trânsito na cidade de São Paulo continua (...) às 18h30, o índice de lentidão já havia superado o **recorde histórico**².

O resgate dos 33 mineradores presos no norte do Chile colocou a tranquila cidade de Copiapó no mapa do mundo (...) jornalistas (...) chegaram a partir de todos os cantos do planeta para cobrir este **histórico acontecimento**³.

(...) O governo brasileiro ainda não esgotou seu arsenal para influenciar a trajetória do dólar. (...) as reservas internacionais do país já estão próximas do **patamar histórico** de US\$ 280 bilhões⁴.

A cobertura da Folha no primeiro turno das eleições teve como novidade uma inédita programação ao vivo (...) que registrou ao menos 11 milhões de páginas vistas, **recorde histórico** do site⁵.

(...) Os camaroneses dançaram animadamente para celebrar a primeira vitória do país **na história** do Mundial (...) JP San classificou o triunfo sobre a Austrália "como um momento inesquecível". (...) disse ele. "**Foi histórico**, uma recompensa por muitos anos de trabalho duro"⁶.

Perdido em meio às suas infinitas lembranças, Irineo Funes, o Memorioso, solta o lamento: “*Mais lembranças tenho eu do que todos os homens tiveram desde que o mundo é mundo. E também: Meus sonhos são como a vossa vigília. (...) Minha memória, senhor, é como depósito de lixo*” (BORGES, 1999).

² FOLHA ONLINE. Cotidiano. SP registra 293 km de congestionamentos; motorista deve evitar centro expandido até as 22h. Capturado em 10/06/2009 no end. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u579520.shtml>

³ FOLHA ONLINE. Mundo - Resgate dos 33 mineiros coloca Copiapó no mapa do mundo. Capturado em 10/10/2010 no end. <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/812652-resgate-dos-33-mineiros-coloca-copiapo-no-mapa-do-mundo.shtml>

⁴ FOLHA ONLINE. Mercado. Dólar sobe a R\$ 1,68 após nova ação do Tesouro para segurar cotação; Bovespa cai. Capturado em 06/10/2010 no end. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/810741-dolar-sobe-a-r-168-apos-nova-acao-do-tesouro-para-segurar-cotacao-bovespa-cai.shtml>

⁵ FOLHA ONLINE. Multimídia. Editor-executivo da Folha comenta cobertura histórica das eleições. Capturado em 04/10/2010 no end. <http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/809236-editor-executivo-da-folha-comenta-cobertura-historica-das-eleicoes.shtml>

⁶ FOLHA ONLINE. Esporte - Com choro e dança, Camarões faz história no Mundial de vôlei com "artilheiro japonês". Capturado em 29/09/2010 no end. <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/806432-com-choro-e-danca-camaroes-faz-historia-no-mundial-de-volei-com-artilheiro-japones.shtml>

Ao nos depararmos com a profusão fenomenal de eventos em nossos dias, imediatamente alçados à condição de ocorrências históricas, não podemos deixar de pensar no personagem de Jorge Luis Borges, Funes, o Memorioso para o qual, foi negada a possibilidade de esquecer; metáfora angustiante para os nossos dias. Para Funes, cada lembrança tornava-se outra, cada dia podia ser recordado em todos seus detalhes, o Memorioso guardava dentro de si todas as imagens, sons e dores que via e vivia, “*podia reconstruir todos os sonhos, todos os entresonhos*”. Distrair-se do mundo lhe era impossível, pois sua existência era um insuportável ato de recordação.

Todos os dias, ao ligar a tv, navegar pela internet, ou simplesmente, sentar em alguma praça para ler o jornal, ou revista semanal, iremos perceber que milhares de eventos históricos ocorreram nos últimos dias, ou mesmo nas últimas horas: a histórica partida de futebol, o índice de preços, a cobertura política, o seqüestro relâmpago que virou filme, a inacreditável transmissão das olimpíadas de inverno, de tal maneira, que seria impossível enumerar tantas ocorrências produzidas pelas mais variadas mídias as quais temos acesso.

Desde Heródoto, a idéia do acontecimento histórico funcionava como uma espécie de lugar “mítico” que assegurava a existência de um passado observável, quase palpável, por isso, recomendava o eminente pensador grego, que competia ao historiador, “*relatar os acontecimentos mais memoráveis, auspiciosos ou lamentáveis*” (HERÓDOTO, 1950: 418). Perspectiva que se manteve por séculos, tendo como base uma idéia de história cujo caráter fundamental era ser a mestra da vida. Consequentemente, o historiador deveria “explicar o passado através do “achado”, da “identificação” ou “descoberta” das “estórias” que jazem enterradas na crônica⁷, realçando assim, o acontecimento único, exemplar, irrepetível. Ocorrência fundadora cujo universo de testemunhas era sempre restrito ao pequeno grupo que a partilhava no momento de sua efetivação.

O “aqui e agora” que seria “alcançado” posteriormente através de seus “traços”⁸ ou em narrativas que podiam alçá-lo à condição de referência basilar para diversos grupos humanos. Acontecimentos que comportavam poucas versões que se reproduziam lhes agregando um valor de eternidade e universalidade, condição que os tornava objeto de culto assegurado pelos ritos de recordação. Limitados eram seus rastros ou mesmo sua capacidade de difusão e divulgação para além do seu circuito de realização, o que os tornava a ocorrência especial, digna de ser lembrada, relembada.

⁷ Sobre esses temas, Cf. WHITE, Hayden. *Meta-História – a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Edusp, 2008. p. 22.

⁸ Denominação utilizada por Langlois e Seignobos em introdução aos estudos históricos.

Em fins do século XIX⁹, advertiam Langlois e Seignobos em sua Introdução aos estudos da história, “os fatos não podem ser empiricamente conhecidos senão de dois modos: ou diretamente, quando observados no momento em que se produzem, ou indiretamente quando estudados pelos traços que deixaram”. O historiador, segundo os autores deveria “tentar extrair dos traços, até onde isto for possível, a verdade dos fatos” (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946: 44).

Mas o que dizer de um momento que qualifica diariamente como histórica, uma diversidade tão grande de ocorrências? Como compreender eventos que parecem não se encerrar numa única temporalidade, como se houvesse sobre eles um contínuo processo de distensão que o faz sempre em trânsito?

Embora, ao longo do século XX, a perspectiva acadêmica sobre os acontecimentos históricos tenha sofrido alterações bastante significativas¹⁰, notadamente, com a mudança de foco dos eventos para as estruturas, processos, etc., o final daquele século trouxe como elemento inquietante a explosão acontecimental, efetivada nos meios de comunicação, e a profusão de narrativas históricas articuladas em um aumento espetacular da preocupação com o passado.

Isso acabou por fundar novas apropriações não somente reflexivas e críticas, mas também, sensoriais e cognitivas sobre os acontecimentos, não por acaso a sensação de nostalgia sobre o não vivido que tantos jovens relatam na contemporaneidade. Acostumamo-nos a assistir ao acontecimento-espetáculo elaborado a partir da palavra, do som e da imagem o que estimulou em nossa sociedade uma fome de novidades que tornou os meios de comunicação verdadeiras fábricas de ocorrências.

Segundo Bédarida (1996: 219), a partir dos anos 70 destaca-se ainda um “*retorno vigoroso da história e da memória, uma busca ansiosa de identidade, a crise dos paradigmas das ciências sociais, enfim, um presente cheio de incertezas em relação a si mesmo*”. Contudo, “*o papel decisivo dos meios de comunicação na transcrição, na representação e até na produção do acontecimento*” (RIOUX, 1999: 122) recolocou antigos problemas que pareciam ter sido superados com a profusão do movimento dos Annales e das vigorosas questões colocadas à história no século XX, exemplo disso, como afirma Bédarida, foi a própria discussão entre objetividade e subjetividade na produção do conhecimento histórico. O autor reflete sobre a produção de uma nova abordagem histórica: o tempo presente.

⁹ O livro foi lançado em 1897 e se tornou peça fundamental para a chamada escola histórica metódica.

¹⁰ Várias foram as transformações ocorridas nesse século que modificaram o olhar da história dos eventos para as estruturas como foi o caso das contribuições da Escola do Annales, concepções materialistas histórica, etc.

Mas, é preciso termos clareza que a produção científica da história é, tão somente, uma parte da “formação histórica” de uma sociedade que deve ser compreendida enquanto um o conjunto de *“todos os processos de aprendizagem em que a história é assunto e que não se destinam, em primeiro lugar, à obtenção da competência profissional”* (RIOUX, 1999: 48). Existem, por conseguinte, diferentes narrativas que explicam e evidenciam formas de pensamento histórico que se manifestam em variados fenômenos de aprendizagem, desde o ensino formal até os meios de comunicação.

A ação dos meios de comunicação, nas últimas décadas do século XX, Demonstrou-nos que há uma produção de conhecimento histórico fora do próprio campo científico da História que parece influenciá-lo de maneira desconcertante. Este evento acabou sendo capital para a mudança de perspectivas que as pessoas tinham e passaram a ter em sua relação com o tempo e na suas maneiras de pensar historicamente seu cotidiano.

O olhar sobre nossa historicidade se modificou assim como os significados dos acontecimentos, antes sequer conhecidos por uma coletividade mais ampla. Talvez não seja exagero falarmos que atualmente vivemos sob o signo dos recursos midiáticos, e aqui levantamos uma primeira suspeita que estes ocupam lugar central na ordenação de uma consciência histórica contemporânea. A relevância que os acontecimentos passaram a assumir, vinculados a estes mecanismos, é bastante diferente daquela vislumbrada na sociedade oitocentista e pela própria escola metódica, para a qual o passado estava domado e o acontecimento morto.

A engenharia complexa e difusa desse circuito cultural pressiona o desenvolvimento de novas habilidades cognitivas, posto que, cada vez mais tecnologias são jogadas no mercado articulando uma rede de interdependência entre informação, educação e consumo. Indiscutivelmente, devemos enfrentar o desafio de reflexão sobre as novas maneiras de formulação da memória e da história que, atualmente, assumem dimensões bastante distintas daquelas com as quais nos acostumamos em regimes de historicidade anteriores.

Essa profusão de registros e narrativas com as quais os acontecimentos contemporâneos são apresentados nos alerta que a história, entendida como campo do conhecimento, apresenta-se como um espaço em travessias, lacerada por demandas inumeráveis. Propaga-se a qualificação de “histórico” aos quatro ventos como se o passado fosse a chave de justificativa para as mais variadas ações em nosso dia-a-dia. Como, afirmou Walter Benjamin (1996), ainda no começo do desenvolvimento desse processo, *“fazer as coisas ‘ficarem mais próximas’ é uma das preocupações tão apaixonadas das massas modernas como a tendência de superar o caráter único de todos os fatos através da*

sua reprodutibilidade” (1996: 170). Há ainda duas importantes observações feitas por autor, sobre a obra de arte, que vale a pena pensar para os eventos contemporâneos: a intensa divulgação de eventos modificou o valor de culto atribuído aos acontecimentos históricos, assim como transformou seu valor de exposição e audiência atribuídas ele.

A noção de simultaneidade, antes só possível em espaços extremamente restritos, tomou proporções continentais. “*O uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipo de relações sociais e novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros e consigo mesmo*” (THOMPSON, 2004: 13).

Por outro lado, nunca se viu tão forte a necessidade do respaldo do discurso histórico como meio de argumentação e justificativa de idéias e ações. Revistas, jornais romances históricos, genealogia de família, documentários, surgem diariamente tentando alimentar uma sede de história que parece ter tomado conta da sociedade contemporânea. Nenhum outro momento talvez tenha tido um presente tão possuidor de sentidos históricos como o nosso, já afirmava Pierre Nora, nos anos 70, ao discutir um provável retorno do fato na narrativa histórica. Na verdade, “*a aceleração do tempo e a preocupação com a perda de sentido do passado e com aumento da capacidade de esquecer têm levado as sociedades contemporâneas a demonstrar grande interesse em recuperar a memória e também a história*” (FERREIA, 2002: 314-332).

Segundo Ferreira (idem), estabeleceu-se, sob diversos aspectos, uma competição de formas de leitura do passado, tornando a memória mercadoria que “invade o cotidiano, mas na maioria das vezes apenas para satisfazer parcialmente uma demanda por identidade, e torna-se assim uma identidade domesticada”. Há ainda, segundo a autora, uma confusão entre história e memória, história-objeto, história conhecimento, vivido e operação intelectual, entre o que é ser historiador e *history maker*.

Os fatos, apresentados como históricos, são colocados ao historiador a partir de uma exterioridade desvinculada dos percursos epistemológicos e metodológicos do fazer historiográfico. Não é por acaso que sobejam obras históricas elaboradas por não historiadores. Jornalistas, sociólogos, advogados passeiam pelos campos da história embalados pelo furor da produção de fontes; outra característica desse momento, pois nunca foi tão abundante a produção de registros. É o vivido que se impõe à escrita da história. Um presente que quer se tornar histórico em seu próprio tempo, uma vez que o imediato é quase alçado à categoria de história no momento de sua constituição.

Esse evento tem a contribuição da mídia em um duplo sentido: primeiro porque divulga uma argumentação histórica, não somente como elemento subtendido mas sistematizado que perpassa suas notícias. Segundo, porque esta busca desenfreada por novas informações, contraditoriamente, parece ter produzido um afastamento cada vez maior do passado, o que talvez justificasse essa sede de história.

A mídia hoje ajuda a elaborar uma idéia de acontecimento que é pensado no momento de sua efetivação como histórico. Contudo, é necessário que percebamos que, assim como, os historiadores positivistas, apesar de todas as pretensões científicas, jamais alcançaram o acontecimento puro, e “real”, uma vez que o próprio real em si já não mais existia, agora também esse acontecimento midiático se faz mediado por uma série de conformações. Imprensa, rádio, televisão e Internet, são suas próprias condições de existência. Aqui é importante chamarmos atenção que *“a publicidade forma sua própria produção. Acontecimentos capitais podem ter lugar sem que se fale deles”* (NORA, 1995: 187). O fato de terem acontecido não os torna históricos, para tanto, é necessário que eles sejam reconhecidos enquanto tal, e isso implica a informação que se elabora sobre eles.

Outra questão a ser refletida é que tais acontecimentos se estruturam tendo em vista a formação de uma opinião pública. Lembremos os efeitos das pesquisas de opinião tão comuns em nossas sociedades. O conceito de opinião pública e a construção de uma “esfera pública” trazem como consequência imediata a formação de comunidades de consumidores de produtos simbólicos.

Os acontecimentos vinculados pelos meios de comunicação são também práticas discursivas e narrativas que modelam e representam a realidade sob um dado olhar. Porém, a forma sob a qual estes elementos são apresentados, melhor dizendo, representados, interpretados, analisados e julgados está ligada ao tipo de narrativa ou explicação construída sobre eles. Nestes termos, a elaboração de um discurso sobre um fato é, em si, a tentativa de construção de significados, em um contexto que parece ter perdido o próprio sentido da História como afirma Bodei (2001).

Esse acontecimento sem historiador é também um espaço muito movediço no qual caminham lado a lado a manipulação de informações, a omissão e a construção de perspectivas dos acontecimentos muitas vezes deliberadamente enganosas. Porém, mesmo esta aparente ditadura da informação midiática sobre as pessoas não ocorre sem a interferência de quem recebe tais informações. Não dá para compreender o conteúdo informado sem aqueles que o recebem e reelaboram tal informação. Mas não se pode negar também que o processo de superinformação modificou nossos suportes de memória que

deixaram de se localizar nos indivíduos e grupos e passaram também a se situar na virtualidade das informações. Uma notícia de jornal tanto pode se constituir um lugar de memória como de produção de história.

Ao que parece, a contemporaneidade nos colocou quase em um eterno presente. Não há tempo para lembrar, pois o presente consome todas as nossas sensações, e perspectivas futuras. Como afirma Bodei (2004: 11) *“com a progressiva aceleração do tempo histórico, o passado não consegue mais se coagular em experiência adequada ao presente, e o futuro, (...) torna-se não apenas difícil de prever, mas até de imaginar”*.

O surgimento da imprensa no século XVII, e sua popularização no século XIX, foi um evento significativo para a divulgação de idéias, porque trouxe um novo tipo de informação ao criar uma regularidade de publicações uma vez que, como afirmam Burke e Briggs (2002: 95), já no século XVII, *“ao contrário do panfleto, apareciam em intervalos regulares, normalmente uma ou duas vezes por semana; costumavam ter edições numeradas, de modo que os leitores podiam saber se tinham perdido algum exemplar”*. Tal elemento introduzia no cotidiano dessas sociedades não somente uma nova distribuição de informação, mas alterava noções de temporalidade e espacialidade.

Com a construção de uma esfera pública e a conseqüente formação de comunidades de consumidores de bens culturais, elaboram-se campos específicos para a produção simbólica, sendo o próprio jornalismo um desses campos (BOURDIEU, 1992). A percepção de que havia um público a ser atingido, tornou-se fundamental na abrangência das mídias modernas, sobretudo, naquilo que Bourdieu define como mercantilização das formas simbólicas.

Mas, além dessas disputas, os meios de comunicação elaboraram uma narrativa própria para o mundo urbano contemporâneo, reconstruindo-o a partir da definição de novos signos e significados. A imprensa desenha com todas as cores acontecimentos, sensações e temporalidades. *“Mesmo onde não foram destruídos os centros históricos, as praças, os lugares que manifestavam viva a memória”*, as cidades e os espaços agora são vistos e narrados pela imprensa, pelo rádio e pela televisão, como sendo *“um tumulto heterogêneo e disperso de signos de identificação e referências”*, que parece se apresentar como *“um espetáculo reconfortante”* (CANCLINI, 2002: 40-53) no qual o homem moderno parece ter conformado a construção de sua própria historicidade à produção midiática.

Na segunda metade do século XX, quando a concentração demográfica e a expansão territorial das megacidades debilitaram a conexão entre suas partes e, ao mesmo tempo, as redes comunicacionais levam a informação e o entretenimento

aos domicílios, os usos das cidades são reorganizados (...) a cidades convertem-se em metáfora da sociedade de informação (CANCLINI, 2002: 40-53).

A imprensa jornalística foi a primeira mídia a informar diretamente sobre a organização das cidades modernas, ajudando a formar, como dissemos anteriormente, uma esfera pública e, “embora a maioria dos jornais tenha uma relação preferencial com a cidade em que são produzidos, o conjunto de suas informações mostra uma articulação complexa entre o local, o nacional e o internacional” (id. *ibid.* 44), contribuindo para criação de imagens que misturam espaços, eventos, temporalidade em uma narrativa dinâmica centrada no evento facilmente assimilado por aqueles que os lêem, “prolongando estereótipos formados historicamente. Os relatos diários mudam, mas permanece uma estrutura discursiva” (idem).

Nesse processo, Pierre Nora (idem) destaca que o acontecimento emerge amparado por uma grande rede de sistemas de comunicação, que coloca em evidência algo muito parecido com o ideário do fato positivista. Este acontecimento midiático se apresenta como o evento indomável “porque a redundância intrínseca ao sistema tende a produzir o sensacional, fabrica permanentemente o novo, alimenta uma fome de acontecimento” (183).

É possível inferirmos que, ao trabalharem com categorias próprias da narrativa histórica, estes mecanismos podem interferir também no campo de produção historiográfica, pois os “intelectuais-jornalistas” (Bourdeiu: 1997), ajudam a construir mecanismos que influenciam diretamente nos demais campos simbólicos, sejam eles, jurídicos, político, artístico ou intelectual.

Considerações finais

Deparamo-nos aqui com um universo de transformações que alteraram de maneira muito rápida nossas relações com o passado, a lembrança e o esquecimento. Cabe-nos inquirir como os elementos aqui apresentados formam o complexo amalgama de sentidos históricos contemporâneos. A resposta a essa questão que, certamente ainda será dada e refeita um sem número de vezes, poderá nos servir para compreender nosso próprio tempo, tanto nos termos de pensamento do homem comum em sua relação com o passado, como da própria escrita da história. Aqui, achamos relevante mencionar uma pergunta posta por Remo Bodei (2004: 44): “por que se esquece ou se renega, repentinamente o próprio passado?”

A esta pergunta o autor enumera um conjunto de respostas o que já demonstra a própria complexidade de se pensar a história em nossos dias. Isto porque, ao pensá-la, temos que dá conta de um universo de dimensões bastante díspares que engloba desde elementos relacionados à memória, ensino da história, texto histórico, sentidos e sensações sobre o tempo.

Ao refletirmos sobre as relações entre história e mídia devemos estar atentos aos elementos gerais da consciência histórica contemporânea procurando compreender, dessa forma, qual o lugar da mídia na construção de sentidos, e ao mesmo tempo como ela efetiva esses elementos nas notícias e informações vinculadas em suas narrativas. Por outro lado, devemos interrogar como tais elementos podem se constituir em suportes de memória e esquecimento para a sociedade contemporânea.

Dessa maneira, é preciso pensarmos sobre esse tipo particular de escrita da história. Que elementos epistemológicos a informam e de que maneira essa produção, advinda do campo jornalístico, legitima-se como conhecimento histórico socialmente válido, muitas vezes com mais facilidade do que a própria produção do campo historiadores de ofício.

Uma produção que lida com elementos difusos e intercambiáveis mas que consegue se estabelecer como práticas narrativas que elaboram complexas formulações sobre o tempo. Passado, presente e futuro percorrem, dessa forma, fluxos de significação que ajudam a fundar os eventos emblemáticos contemporâneos operando em uma linha de distensão que vai da escritura do acontecimento na cena pública à sua inscrição como referente de significação memorável no tempo.

Referências Bibliográficas

ADORNO/HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

BARBOSA, Marialva. Como se escreve a história da imprensa? Florianópolis: *Anais do II Enc. Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, 15 a 17 de abril de 2004. Cap. no site: <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/index.htm>. 28/8/2004

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas – magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Ed. Brasiliense. 1996.

BODEI, Remo. *A História tem um Sentido?* Bauru - São Paulo: Edusc, 2001.

_____. *Livro da Memória e da Esperança*. Bauru - São Paulo: Edusc, 2004.

BORGES, Jorge Luis. *Funes, o Memorioso*. In: *Ficções*. São Paulo, Ed. Globo SA. 1999.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectivas, 1992.

_____. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BURKE, Peter & Briggs, Asa. *Uma História Social da Mídia – de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa In: *A Escrita da História – novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CANCLINI, Néstor Garcia. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. Campinas, *Revista Opinião Pública*, vol VIII, no. 1, 2002. pp. 40-53.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteira do Milênio*. Rio Grande do Sul. Editora Universidade/UFRGS, 2001.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *A Invenção do cotidiano – artes de fazer*. vol 1, São Paulo: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger, O Mundo Como Representação. *Estudos Avançados*, Número 11, v. 5, 1991.

_____. *À beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRS, 2002.

_____. A História Hoje: dúvidas desafios, propostas. Rio de Janeiro: *Revista Estudos Históricos*, vol 7, no, 13. 1991, p. 97-113.

CHAUVEAU, A e TÉTARD, Ph. *Questões para a História do tempo presente*. São Paulo: Edusc, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do Tempo Presente: desafios. *Revista Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 94, No. 3, pp. 111 – 124, maio/junho, 2000.

_____. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. História, tempo presente e história oral. Rio de Janeiro, *Topoi*, dezembro de 2002, pp 314-332.

HARTOG, François. *Regime de Historicidade*. Capturado da Internet em 8/05/2006, no endereço: <http://www.fflch.usp.br/dl/heros/excerpta/hartog.html>.

HERÓDOTO. *História*. Brasil. Editora e-bookBrasil - Digitalização do livro em papel Volumes XXIII e XXIV Clássicos Jackson W. M. Jackson Inc., Rio, 1950. Versão para o português de J. Brito Broca.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos – o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Edita Contexto, 2001.

MALERBA, Jurandir. *A Velha História. Teoria, Método e Historiografia*. Campinas – São Paulo: Editora Papirus, 1996.

_____. *A História Escrita*. Teoria e história da historiografia. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MASTROGREGORI, Massimo. Historiografia e tradição das lembranças. In: MALERBA. *A História Escrita*. Teoria e história da historiografia. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MENESES, Sônia. Os historiadores e os “fazedores de História”: lugares e fazeres na produção da memória e do conhecimento histórico contemporâneo a partir da influência midiática. Goiânia: Editora da UFG; *Revista Opsi* – dossiê teoria da história. V. 07 no 09. 187-198, 2007.

_____. 1964, o ano de uma notícia indelével. A construção memorial do golpe militar no Brasil entre a mídia, a memória e a história. In: São Paulo. Ed. Uninove. *Revista Cenários da Comunicação*, v. 07, no. 02. 117-125. 2008.

_____. As faces de Hécate: formas narrativas na produção do acontecimento. Santa Catarina: Ed. UFSC. *Estudos de Jornalismo e Mídia*. Ano VI. 53-69. 2009.

_____. A “musealização” do presente: mídia, memória e esquecimento, questões para pensar a história hoje. Santa Catarina. UDESC. *Revista Tempo e Argumento*. v.01, no. 01. 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991.

NORA, Pierre; LE GOFF, Jacques. *Novas Abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

NORA, Pierre. O Retorno do Fato. In: NORA; P; Jacques, LÊ GOFF. *Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. *Entre Memória e História – a problemática dos lugares*. São Paulo, Rev. Projeto História/PUC vol. 10, 1993.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomos I, II, III, São Paulo: Papirus Editora, 1997.

RIOUX, J. P. Entre o Jornalismo e a História. In: *Questões para a História do tempo presente*. São Paulo: Edusc, 1999.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica – Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UNB, 2001.

_____. *Historiografia Comparativa Intercultural*. In: MALERBA. *A História Escrita*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. *Introdução aos estudos da história*. São Paulo. Editora Renascença S.A, 1946.

THOMPSON, John B. *Mídia e Modernidade: uma teoria social da mídia*. São Paulo: Vozes, 2004.

Recebido em: 17/03/2010
Aprovado em: 01/12/2010